REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDIGENAS NOS FILMES E PUBLICIDADE AGUÇANDO O OLHAR

GLAUCY ANNE CARDOSO ARRUDA DOS SANTOS

RESUMO

A representação dos povos indígenas nos filmes e na publicidade desempenha um papel fundamental na construção de narrativas culturais e na percepção pública dessas comunidades. A forma como são retratados nessas mídias pode influenciar significativamente a opinião do público, impactando a compreensão da diversidade cultural, tradições e desafios enfrentados pelos povos indígenas. Aguçar o olhar para uma representação mais autêntica e respeitosa é essencial para combater estereótipos e promover uma compreensão mais abrangente. Nos filmes, a representação dos povos indígenas muitas vezes foi permeada por estereótipos simplistas, perpetuando visões distorcidas de suas culturas e modos de vida. A necessidade de uma abordagem mais sensível e autêntica está ganhando destaque, com cineastas e produtores trabalhando para envolver membros das comunidades indígenas nas fases de criação, desde o roteiro até a produção, garantindo uma representação mais fiel e diversificada.

Palavras-chave: Povos Indígenas; Diversidade; Representação.

ABSTRACT

The representation of indigenous peoples in films and advertising plays a fundamental role in the construction of cultural narratives and the public perception of these communities. The way they are portrayed in these media can significantly influence public opinion, impacting the understanding of cultural diversity, traditions and challenges faced by indigenous peoples. Sharpening our gaze towards a more authentic and respectful representation is essential to combat stereotypes and promote a more comprehensive understanding. In films, the representation of indigenous peoples has often been permeated by simplistic stereotypes, perpetuating distorted views of their cultures and ways of life. The need for a more sensitive and authentic approach is gaining prominence, with filmmakers and producers working to involve members of indigenous communities in the creative stages, from scripting to production, ensuring more faithful and diverse representation.

Keywords: Indigenous Peoples; Diversity; Representation.

INTRODUÇÃO

O curso “povos Indígenas e suas representações em filmes e publicidade: aguçando o olhar” propõe a reflexão sobre as representações das populações indígenas nos filmes e publicidades instrumentalizando o/a docente nas escolhas de material audiovisual relacionado ao tema. No cinema brasileiro, os indígenas sempre foram representados de forma preconceituosa: como bárbaros ou como ingênuos, até mesmo no tempo do cinema mudo. As mulheres indígenas são mostradas com uma sensualidade deslocada de sua cultura, de forma moralista. Os cinejornais são um exemplo disso, valorizando todas as ações “civilizatórias” dos militares que marcaram presença nas terras indígenas e dos religiosos que os vestiram e os catequizaram. Não é difícil entender o porquê dessa visão. Em que momento histórico esses filmes foram produzidos e quem os produzia? É interessante contextualizar historicamente as linguagens artísticas, porque elas expressam o debate de um certo período. Com isso, a proposta se justifica pela necessidade de efetivação da lei 11.645/2008 e por contribuir para o processo de continuidade de implementação currículo da cidade: orientações pedagógicas: povos indígenas. Tendo em vista que o objetivo tanto da lei quanto dos documentos produzidos pela rmesp é ampliar e qualificar o ensino sobre o tema e subsidiar os docentes para a escolha de bons materiais audiovisuais. O curso se justifica ainda pela necessidade de refletir sobre o tema, aprimorar e estimular o trabalho sobre histórias e culturas indígenas, tendo em vista a valorização dos diversos grupos que aqui vivem e o combate ao racismo existente na nossa sociedade, conforme as premissas do currículo da cidade de São Paulo. Parte do movimento literário romântico do Século XIX é chamada de indianista, pois coloca o índio como símbolo, como ancestral comum do povo brasileiro. Neste artigo veremos sobre a figura Indígena no cinema e no Currículo da educação.

INTRODUÇÃO

A representação dos povos indígenas é uma questão crucial, pois influencia diretamente na percepção pública, no reconhecimento de direitos e na preservação da diversidade cultural. Historicamente, muitas representações foram marcadas por estereótipos e distorções, contribuindo para a perpetuação de preconceitos.

Na contemporaneidade, a importân-

cia da representação precisa e respeitosa dos povos indígenas ganhou destaque. A mídia, as artes e os meios educacionais desempenham papéis fundamentais nesse processo. É essencial que as narrativas sejam contadas pelos próprios membros das comunidades indígenas, permitindo uma visão autêntica de suas histórias, tradições e desafios.

A valorização da diversidade cultural e linguística é essencial na representação indígena. Reconhecer a pluralidade de etnias, costumes e modos de vida é crucial para evitar generalizações que obscureçam a riqueza das culturas indígenas. Além disso, é fundamental promover uma representação que destaque não apenas as questões de desafios enfrentados, mas também os sucessos, a resiliência e as contribuições significativas dos povos indígenas para a sociedade.

A participação ativa e significativa dos indígenas em decisões políticas, educacionais e culturais é um passo crucial para garantir uma representação justa e equitativa. Isso inclui a promoção de políticas que reconheçam e respeitem os direitos territoriais, educacionais e de autodeterminação dos povos indígenas.

A representação também se estende à esfera política, onde é crucial garantir que os povos indígenas tenham voz e participação nas instâncias de tomada de decisão. Isso não apenas reforça a democracia, mas também reconhece a importância da diversidade na construção de políticas que impactam diretamente essas comunidades.

Em resumo, a representação dos povos indígenas é uma responsabilidade coletiva que requer esforços contínuos para superar estereótipos, promover a autenticidade cultural e garantir a participação plena e equitativa em todos os aspectos da sociedade. Ao fazer isso, contribuímos para uma narrativa mais justa e inclusiva que reconhece a riqueza e a importância dos povos indígenas na construção do mosaico cultural e social de uma nação.

DESENVOLVIMENTO

O impulso pela democratização e afirmação dos direitos humanos na sociedade brasileira atinge fortemente muitas das nossas instituições estatais, atreladas a projetos de estado-nação comprometidos com a anulação das diferenças culturais de grupos subordinados. Neste contexto, as diferenças culturais dos povos indígenas, dos afro-descendentes e de outros povos portadores de identidades específicas foram sistematicamente negadas, compreendidas pelo crivo da inferioridade e, desse modo, fadadas à assimilação pela matriz dominante. O filme é uma importante ferramenta que pode auxiliar no cotidiano escolar, tanto aos estudantes quanto dos professores. A imagem povos indígenas na mídia é carregada, ainda, de olhar etnocêntrico, marcada pela desvalorização e apresentada de forma distorcida, contribuindo para o fortalecimento dos preconceitos contra os povos originários. A publicidade se apresenta como um dos espaços de grande influência no imaginário coletivo nacional. Dessa forma, impõe um conjunto de pontos de vista, amplificando ou simplificando o real de modo a criar uma visão de mundo que possa ser facilmente compreendida pelos espaços educativos e estes parâmetros não estão caracterizados para formação de professores. A implementação da lei 11645/2008 que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio tanto em escolas públicas como privadas, vem com o intuito de mostrar a importância que esses povos tiveram na formação do nosso país, resgatando e valorizando suas contribuições nas áreas social, econômica e política na constituição do Brasil. Historicamente, o modo como os povos indígenas são representados, nos meios de comunicação em geral, aponta para um repertório de imagens estereotipadas, que tendem a reduzir e simplificar as crenças e os modos de vida desses povos. Essas imagens são desenvolvidas a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que tem como referência a cultura e as crenças do ocidente, atribuindo à está "um sentido quase providencial de destino histórico.

Dentre os estudos abordados no ensino básico, inseridos na vida dos discentes, é possível afirmar que todas têm grande peso e valia no crescimento intelectual dos alunos, mas nesse estudo o foco vai para a matéria "história". Essa matéria tema responsabilidade de contar aos alunos aquilo que eles não presenciaram, mas que norteou a vida para que estejam vivendo o atual cenário.

Sabe-se que no estudo dessa matéria no ensino básico muito se ouve sobre o descobrimento do Brasil, colônia, índios, colonização e outros assuntos interessantes, entretanto não havia uma abordagem direta e assertiva sobre cultura afro-brasileira e sobre tempos de escravidão, racismo, preconceito e etc. essa realidade já não mais existe, mas foi presente no desenvolvimento de muitos alunos por anos e anos, sem abordar detalhes importantes para compreensão e história de seu povo. Isso se dá pela necessidade e obrigatoriedade de elucidar o aluno sobre suas origens, identidade, valores, crenças permitindo o acesso à história, sempre buscando respeitar a diversidade, que cada história traz consigo valorizando, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas a social, econômica e políticas pertinentes à Histórica do Brasil.

A Presença Indígena na Formação do Brasil, de João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire, não se propõe a ser um manual didático para se estudar a história do Brasil, muito menos a dos diversos Brasis Indígenas. Trata-se, isto sim, de apresentar novas chaves de leitura que permitam desfazer o conjunto de lugares-comuns que continua a ser inculcado pelo sistema de educação em nosso país, e que contribui quer para destituir de contemporaneidade as populações nativas das Américas que o habitam, quer para negar-lhes o reconhecimento dos direitos condizentes com a autoctonia. A inserção do conteúdo histórico da nova necessidade do ensino básico tem como diretriz o estudo da história dos quilombos, história da África, entre outros temas que podem ser discutido aqui. Diversos autores tem analisado essa inserção e Bernard (2005) fala sobre a importância de uma direção que induza a criação de projetos focados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, empenhados com a educação racial positiva. Moreira (2000) e Silva (1999) já demonstravam preocupação com essas questões e analisavam o currículo escolar, observando a fragilidade em construir uma manutenção na desigualdade social.

As diretrizes curriculares defendem a ideia de que a escola é a principal responsável por destruir a referência de que afrodescendentes é o mesmo que referência de escravos, que os seus antepassados todos foram escravos, dominados ou algo pejorativo, quando na verdade Passos (2002) cita que o racismo está atualmente sendo levado às escolas por grande parte dos autores fundamentada no seu caráter ideológico, ou seja, a imputação das características negativas reais ou supostas a um determinado grupo social.

As produções indígenas mais comuns à maioria das etnias brasileiras são:

Cerâmica, pintura corporal, máscaras, cestaria e arte plumária. Objetos decorativos e utilitários, adornos, acessórios, armas e instrumentos musicais também fazem parte da arte produzida pelos povos indígenas.

A liberdade das escolas de ensino básico para construir os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido no artigo de Lei citado acima é fator crucial nesse processo. Essa autonomia permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, de atividades que incluam entretenimento, do Movimento Negro, grupos de pessoas que queiram compartilhar suas histórias e experiências, de grupos de capoeira ou congada, entre tantas outras formas de cumprir a Lei e compartilhar a história sem necessariamente uma especialização. Mas com professores e pessoas que tenham sensibilidade, que respeite o outro como ser humano, independente da sua classe, raça, cor, ou algo que determine em que posição a criança ou adolescente se enquadra.

No Brasil, esta cultura se manifesta principalmente através da cerâmica, das máscaras e das pinturas corporais, embora também seja visível através da tecelagem, da música, da dança e da própria mitologia. São vários os desenhos e símbolos usados por cada etnia, assim como os tipos de arte praticados.

Entre os povos indígenas, a criação artística está em toda a parte: na pintura corporal, na construção das casas, nas performances musicais, nos objetos usados para comer e guardar coisas. Não existe separação entre a arte e as outras esferas da vida, como é no mundo não indígena. Ela está em todos os lugares.

A cultura indígena possui importância fundamental na construção da identidade nacional brasileira. Ela está presente em elementos da dança, festas populares, culinária e, principalmente, na língua portuguesa falada no Brasil, que é fruto do processo de aculturação entre povos indígenas, negros e europeus.

Dessa forma o cinema, que desde seu surgimento em 1910 aborda temáticas indígenas, vem contribuído para tal representação. Stam (2008) apresenta uma sistematização dessa reconfiguração de como os povos indígenas foram representados em cada período do cinema brasileiro. Assim, segundo o autor temos, durante o cinema mudo, o indígena idealizado do romanismo. Na década de 1920, o indígena objetificado dos documentários positivistas. Na década de 1950, o indígena é apresentado de forma cômica. Até então, temos filmes que expressavam uma visão mais alinhada ao euro centrismo colonialista. As linguagens artísticas utilizadas pelos indígenas são: pintura corporal, cerâmica, uso de máscaras, uso de plumas e confecção de cestas e utensílios. Arte é uma atividade humana que se relaciona às manifestações estéticas, realizadas por artistas ao usar suas emoções, ideias e percepções.

As diretrizes curriculares buscam desempenhar um papel crucial na transformação da narrativa sobre afrodescendentes nas escolas, desafiando estereótipos e desconstruindo a ideia prejudicial de que a história desses grupos se resume à escravidão. A escola, como agente de socialização e educação, é fundamental para promover uma compreensão mais abrangente e respeitosa da história e da cultura afrodescendente.

A abordagem curricular deve destacar não apenas os períodos de opressão, mas também as contribuições significativas dos afrodescendentes em diversas áreas, como arte, ciência, política e esportes. É crucial apresentar uma visão mais holística, reconhecendo a diversidade de experiências,

conquistas e desafios enfrentados por essas comunidades ao longo do tempo.

Ao desconectar a identidade afrodescendente exclusivamente da escravidão, as diretrizes curriculares promovem a autoestima e a valorização da cultura afrodescendente. Isso também contribui para a construção de uma consciência crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam estereótipos e preconceitos, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda da sociedade em que vivem.

O ensino sobre a história e a cultura afrodescendente não deve ser relegado a um único mês do ano, como o Mês da Consciência Negra, mas integrado de maneira transversal em todo o currículo. Essa abordagem contínua permite uma compreensão mais completa e contextualizada, evitando representações superficiais ou simplistas que perpetuam estigmas.

A inclusão de diferentes perspectivas e vozes nos materiais didáticos é uma estratégia essencial. Ao incorporar autores, artistas e pensadores afrodescendentes em leituras e atividades, os educadores podem proporcionar uma variedade de perspectivas que enriquecem a experiência educacional e desafiam estereótipos prejudiciais.

Além disso, é crucial envolver a comunidade afrodescendente no processo educacional, garantindo que suas vozes e experiências sejam representadas de maneira autêntica. Parcerias com instituições locais e especialistas podem enriquecer o aprendizado, proporcionando aos alunos uma compreensão mais realista e inclusiva da história e da cultura afrodescendente.

Em última análise, as diretrizes curriculares que buscam desconstruir a associação automática entre afro descendência e escravidão desempenham um papel vital na promoção da igualdade, respeito à diversidade e construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao desafiar narrativas prejudiciais, a escola se torna um espaço propício para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de contribuir para a construção de um futuro mais equitativo.

A representação dos povos indígenas na mídia, marcada por um olhar etnocêntrico, perpetua estereótipos que contribuem para a desvalorização e distorção de suas realidades, fortalecendo preconceitos arraigados na sociedade. A publicidade, como um dos espaços de grande influência no imaginário coletivo nacional, desempenha um papel significativo nesse processo, moldando percepções e perpetuando visões simplificadas e muitas vezes prejudiciais.

Frequentemente, a imagem dos povos indígenas na publicidade é limitada a clichês exóticos e estereótipos culturais, ignorando a diversidade de suas identidades, tradições e desafios contemporâneos. A romantização de suas vidas, associada a uma visão estereotipada de práticas culturais, contribui para a construção de uma narrativa distante da realidade complexa e multifacetada das comunidades indígenas.

O impacto desse olhar etnocêntrico na publicidade vai além da superficialidade da representação; ele influencia a percepção pública e, por consequência, as atitudes em relação aos povos indígenas. Ao serem apresentados de maneira distorcida, os indígenas podem ser percebidos como exóticos ou presos a uma visão arcaica, marginalizando suas aspirações contemporâneas e contribuições à sociedade.

A publicidade, como veículo de comunicação de massa, tem o poder de desempenhar um papel transformador na mudança dessas representações. Campanhas publicitárias inclusivas e autênticas, que envolvam ativamente membros das comunidades indígenas, podem contribuir para desafiar estereótipos, desconstruir preconceitos e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa.

Além disso, a responsabilidade recai sobre anunciantes, agências de publicidade e veículos de comunicação para garantir que as campanhas não explorem a cultura indígena de maneira insensível ou apropriativa, mas sim promovam a diversidade e a valorização da identidade indígena de maneira genuína.

Ao agir de maneira mais consciente e ética na publicidade, é possível não apenas desconstruir estereótipos prejudiciais, mas também contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A mudança na forma como os povos indígenas são representados na publicidade é um passo significativo em direção à promoção da diversidade, respeito e reconhecimento de suas contribuições para a riqueza cultural e social do país.

A arte indígena é uma expressão rica e diversificada que transcende o aspecto estético, sendo uma poderosa ferramenta para proporcionar experiências significativas às crianças, permitindo que elas se apropriem crítica e construtivamente do mundo ao seu redor. Por meio de diferentes caminhos, olhares e diálogos, a arte indígena se torna uma fonte inspiradora de aprendizado e apreciação.

Ao introduzir a arte indígena nas práticas educativas, as crianças têm a oportunidade de explorar formas de expressão cultural únicas, compreender a riqueza simbólica por trás de cada obra e, ao mesmo tempo, desenvolver uma apreciação pela diversidade cultural. Essa exposição inicial contribui para a formação de uma consciência crítica desde a infância, desafiando estereótipos e

promovendo o respeito pela pluralidade cultural.

A pintura, a escultura, a cerâmica e outras formas de expressão artística indígena oferecem um terreno fértil para o desenvolvimento da criatividade nas crianças. Através de atividades que envolvem a criação artística inspirada na estética indígena, as crianças podem explorar sua própria imaginação enquanto absorvem elementos culturais valiosos, fomentando a construção de identidade e auto expressão.

A arte indígena frequentemente está intrinsecamente ligada à natureza e ao meio ambiente, proporcionando uma oportunidade única para as crianças conectarem-se com a terra e desenvolverem um senso de responsabilidade ambiental. Ao explorar temas como a relação harmoniosa entre o homem e a natureza, a arte indígena serve como um convite à reflexão sobre a importância da preservação ambiental e do respeito pela biodiversidade.

O diálogo com a arte indígena também é uma janela para abordar questões sociais, históricas e culturais. Ao aprender sobre os significados por trás de cada obra, as crianças podem desenvolver uma compreensão mais profunda das narrativas indígenas, suas lutas, conquistas e contribuições para a sociedade.

A diversidade de estilos artísticos presentes nas diferentes etnias indígenas oferece às crianças a oportunidade de apreciar a pluralidade de perspectivas e abordagens. Esse entendimento, por sua vez, contribui para a construção de uma mentalidade aberta, tolerante e respeitosa em relação às diferenças culturais.

Promover a arte indígena na educação infantil também é um meio eficaz de combater estigmas e desconstruir preconceitos desde cedo. Ao oferecer uma visão autêntica e positiva da cultura indígena, as crianças aprendem a valorizar e respeitar a diversidade étnica e cultural em um contexto global.

Em resumo, a introdução da arte indígena na educação infantil não apenas enriquece o repertório cultural das crianças, mas também promove habilidades essenciais, como criatividade, empatia, pensamento crítico e consciência social. Essa abordagem não só contribui para o desenvolvimento integral das crianças, mas também cria uma base sólida para a construção de sociedades mais inclusivas, conscientes e respeitosas com a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Currículo da Cidade foi organizado em três Ciclos (Alfabetização, Interdisciplinar e Autoral) e apresenta uma Matriz de Saberes, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os Eixos Estruturantes, os Objetos de Conhecimento e os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento de cada Componente Curricular.

A arte indígena, através de diferentes caminhos, olhares e diálogos, proporciona experiências significativas e oportunidades para que a criança se aproprie crítica e construtivamente do mundo que a rodeia.

Quando o aluno desenvolve atividades que o aproxime da diversidade cultural, ele compreende que faz parte de um “quebra-cabeça” gigante que só se completa quando todos compreendem a valorização de cada um na história, sendo que uma “peça” fora deixa um vazio e não permite que a imagem seja construída, para isso é imprescindível que o docente inclua os discentes nesse tipo de ação para possibilitar ao aluno compreender-se enquanto sujeito ativo, com capacidade de transformar o seu cotidiano. Trazendo a cultura para o cenário escolar básico, a escola precisa desenvolver meios que as culturas sejam inseridas de modo que todos possam compreendê-la e de alguma maneira identificar qual o peso dela na sua “vida cotidiana”. Mas na pratica a questão cultural tem aumentado a discussão sobre o tema devido à separação que tem se espalhado entre valorização e avaliação, com isso, as escolas tem recuado no momento de realizar manifestações culturais dentro da mesma.

Diante disso, considerando a população negra no Brasil como um exemplo alguns estereótipos são intitulados a eles sendo parte da cultura afro-brasileira, como o fato de serem considerado incapaz, preguiçoso e com habilidades apenas para trabalhos braçais. Felizmente não é esse o cenário que observamos atualmente, apesar de ainda existir essa situação há um contraste sobre ele de modo que tem sim negros cultos, com profissões valorizadas socialmente, sabe aonde quer chegar e não precisa ser somente através do trabalho braçal.

Desse modo a palavra cultura neste estudo vem com a intenção de abordar detalhes e características de determinado grupo, nesse caso os afro-brasileiros, destacando um pouco mais sobre essas pessoas que representam uma força e uma resistência magnífica do povo brasileiro.

Ao aguçar o olhar para uma representação mais autêntica nos filmes, é crucial evitar o "pantropicalismo", que generaliza as experiências de povos indígenas de diferentes regiões do mundo. Em vez disso, os filmes devem destacar as nuances específicas de cada cultura, respeitando suas tradições, línguas e formas de vida.

Na publicidade, a representação dos

povos indígenas muitas vezes esteve ligada a estereótipos exóticos ou romantizados. Agora, há uma crescente conscientização sobre a importância de uma representação mais autêntica que respeite a diversidade cultural e rejeite a apropriação cultural. Empresas estão sendo incentivadas a envolver membros das comunidades indígenas em campanhas publicitárias, garantindo que suas vozes e perspectivas sejam respeitadas.

Ao aguçar o olhar para uma representação mais respeitosa na publicidade, é fundamental destacar as contribuições positivas e relevantes dos povos indígenas em diversos campos, desvinculando a imagem exclusiva de problemas sociais e econômicos.

A promoção de uma representação mais autêntica dos povos indígenas nas mídias audiovisuais e na publicidade não apenas desconstrói estereótipos prejudiciais, mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade cultural. Ao valorizar as narrativas indígenas e envolver ativamente as comunidades nas representações, estamos construindo pontes de entendimento e respeito, fomentando um diálogo cultural mais enriquecedor e genuíno.

Ao valorizar as narrativas indígenas, as mídias audiovisuais e a publicidade não apenas oferecem uma visão mais precisa e justa das comunidades indígenas, mas também destacam a riqueza cultural que elas trazem para a sociedade. Reconhecer a diversidade de tradições, línguas e modos de vida indígenas é fundamental para combater visões simplificadas que perpetuam estereótipos e preconceitos.

A participação ativa das comunidades indígenas na criação e produção de conteúdo é crucial. Envolvê-las no processo não apenas assegura uma representação autêntica, mas também promove a autonomia e a autodeterminação dessas comunidades em relação à sua própria imagem na mídia. Isso fortalece a narrativa indígena e reforça a importância do controle sobre as próprias histórias.

A construção de pontes de entendimento e respeito é um resultado direto da representação autêntica nas mídias. Ao mostrar a vida cotidiana, as conquistas, desafios e contribuições dos povos indígenas, as mídias audiovisuais e a publicidade podem desmistificar percepções equivocadas, criando um terreno propício para um diálogo cultural mais enriquecedor e genuíno.

Essa abordagem não apenas beneficia as comunidades indígenas, mas também a sociedade como um todo. A conscientização e a apreciação da diversidade cultural fortalecem os alicerces de uma sociedade mais justa e inclusiva, promovendo a igualdade e o respeito mútuo. Ao celebrar as vozes indígenas e reconhecer a importância de suas histórias, contribuímos para a construção de um tecido social mais plural, onde todas as culturas são valorizadas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

BARROS, F. L. de S. Desafios e possibilidades do ensino da cultura afrobrasileira no espaço escolar: o uso da pasta de texto. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia. Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA,2010.

BERNARD, François. “Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural”. In: Brant, Leonardo. Diversidade Cultural. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. Secretaria de Educação Fundamental. 2. Ed. RJ: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017.